

PADRÕES FUNCIONAIS NO USO DE PRONOMES LOCATIVOS: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

AGUIAR, Milena Torres de.
Universidade Federal Fluminense
milenaatda@yahoo.com.br

Resumo: Adotando os pressupostos da teoria funcionalista de linguagem, analisamos os usos dos advérbios pronominais locativos *aí*, *lá*, *aqui* e *ali* bem como de suas formas derivadas *daí*, *daqui* e *dali* pós Sintagma Nominal. Numa perspectiva sincrônica, tomamos como base o Corpus Discurso & Gramática e realizamos um levantamento qualitativo e quantitativo desses usos em cinco tipos de textos orais e seus correspondentes escritos produzidos por estudantes das cidades do Rio de Janeiro, Niterói e Juiz de Fora. Com esse levantamento, tentamos comprovar a hipótese de que, da prototípica função dêitica cumprida pelos pronomes aludidos, por conta de pressões de natureza metonímica e metafórica, tais constituintes migram para referências fóricas, em que atuam na articulação de relações catafóricas e anafóricas, chegando, via gramaticalização, a assumir função eminentemente clítica, em que passam a escopar o SN antecedente, como um atributo ou forma dependente deste. Assim, estabelece-se o gradiente dêixis > foricidade > cliticização, em que no uso clítico, passamos a ter uma construção SN + loc, já que o segundo componente morfologiza-se, atuando como uma forma dependente, sem, contudo, despojar-se completamente da referência locativa da categoria adverbial de que deriva.

Palavras-chave: Locativos; SN; Padrões Funcionais; Construção; Gramaticalização.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, procedemos à descrição e à análise interpretativa do processo de derivação semântico-sintática que conduz à mudança categorial dos quatro mais frequentes pronomes adverbiais locativos da língua portuguesa - *aí*, *lá*, *aqui* e *ali* e suas formas derivadas *daí*, *daqui* e *dali* - na posição pós Sintagma Nominal. De acordo com nossos estudos, tais locativos estariam passando por uma trajetória de gramaticalização, que partiria do uso mais concreto e original, o padrão dêitico; passaria pelos padrões fóricos, atuando na organização do texto como advérbio catafórico e posteriormente, anafórico; e chegaria ao último uso, mais abstratizado, o qual acreditamos ser um estágio já gramaticalizado do advérbio pronominal locativo, desempenhando uma função nova: a de clítico. Nesse último padrão, a ideia de lugar própria dos pronomes locativos não se faz tão aparente; o locativo passa a funcionar como um morfema gramatical que atua sintagmaticamente e está preso fonologicamente ao SN anterior, formando uma *construção* fixa - SN + loc - um todo integrado e cristalizado, segundo Goldberg (1995) e Traugott (2003, 2005, 2007). É o que vemos em exemplos como:

(01) “tinha também um:: **um troço lá**... que a gente subia... ele pulava... né?” (Luiz Eduardo - 7 anos - Niterói - DL oral)

(02) “*aí* o médico olhou e falou que era **uma doença lá**... alguma coisa que ele ia ter que o/ eh... fazer uma cirurgia... (Érica - 24 anos - RJ - NR oral)

Partimos da hipótese de que a trajetória *advérbio* > *clítico* é resultante de pressões metonímicas, relativas ao contexto de ordenação dos pronomes referidos e sua consequente reanálise como parte constitutiva do SN antecedente, e de pressões metafóricas, referentes ao

grau de abstratização do sentido locativo desses elementos em tais contextos. Essa concepção da intrínseca relação entre sintaxe e semântica, entre ambiente estrutural e derivação de sentido, encontra-se respaldada em Traugott e Dasher (2005), para quem metonímia e metáfora são entendidas como dimensões de um mesmo processo. Ainda conforme os referidos autores (2005), a metaforização é resultante ou efeito da mudança metonímica.

Acreditamos que a identificação da construção SN + loc deve levar em conta: a) aspectos semânticos, como os relativos ao *frame* da cláusula em que se acha articulada (espacial ou não espacial), a constituição do SN anteposto ao locativo, e ainda ao tipo de granularidade (Batoréo, 2000) do locativo, se vasta (*lá*) ou fina/estreita (*aí, ali, aqui*); b) aspectos sintáticos, como os atinentes à ordenação da estrutura SN + loc na cláusula (posição pré ou pós-verbal), à possibilidade de inserção ou troca posicional entre os elementos da construção, na testagem do que Erman e Warren (2000) denominam uma *unidade pré-fabricada* (UPF); c) aspectos discursivo-pragmático, como o papel do gênero e as sequências tipológicas na seleção e articulação dessas unidades e como já apontado, as estratégias retóricas de subjetificação e de intersubjetificação, conforme Traugott e Dasher (2005).

Nossa perspectiva de análise é basicamente sincrônica, a partir de textos falados e escritos produzidos pela comunidade estudantil¹. Trabalhamos com dados provenientes do *Corpus* “Discurso & Gramática” das cidades do Rio de Janeiro (93 informantes), de Niterói (20 informantes), e de Juiz de Fora (20 informantes) coletados na década de 90 e disponibilizados no site www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/.

Na primeira seção, tratamos da derivação funcional *dêixis* > *foricidade* > *cliticização*, utilizando parte dos dados levantados e analisados do *corpus* D&G. E na segunda seção, propomos que a função clítica configura processo de gramaticalização, uma vez que se trata efetivamente de migração para outra categoria mais gramatical, distinta da adverbial, cumpridora, portanto, de outras funções.

1. A ESTRUTURA SN + LOC – DA DÊIXIS À CLITICIZAÇÃO

Conforme previsto no processo de gramaticalização (Givón, 2001; Heine e Kuteva 2005; Haspelmath, 2004; Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta, 2003), elementos ou construções linguísticas, no nível do léxico, passam a assumir *status* gramatical, ou, numa complementar perspectiva, elementos ou construções já no âmbito da gramática podem tornar-se mais gramaticais, na articulação de sentidos mais abstratos ou lógicos. Assim, o *cline* analisado neste artigo situa-se na segunda perspectiva citada.

De acordo com esse entendimento, em termos dos usos adverbiais tratados no presente artigo, podemos considerar que a função dêitica seria a originadora dos usos fóricos e, na sequência, seriam derivados os papéis clíticos.

Assim, nesta seção, passamos a apresentar os dados da estrutura SN + loc levantados exaustivamente no *corpus* D&G das cidades do Rio de Janeiro, Niterói e Juiz de Fora. Nessa descrição, trabalhamos com o viés qualitativo e quantitativo, levando em conta os três padrões funcionais referidos na seção anterior – o dêitico, o fórico e o clítico.

1.1. Padrão dêitico

Segundo Batoréo (2000), os pronomes locativos adverbiais teriam como “função elementar” a localização do objeto, a detecção de linha de orientação e a síntese do espaço, numa atividade de referenciação fundada no egocentrismo, porque relativa à posição do

¹Na exemplificação, utilizamos as seguintes siglas: NEP (narrativa de experiência pessoal); NR (narrativa recontada), DL (descrição de local), RP (relato de procedimento) e RO (relato de opinião), acrescido da referência à modalidade oral ou escrita.

emissor. Deste modo, a dêixis, o apontamento para o contexto externo, é considerado o uso mais básico dos pronomes adverbiais locativos. A função dêitica dos locativos concorre para situar e identificar os objetos, as pessoas, as atividades, os eventos e processos em relação ao contexto de espaço, tempo e pessoa mantidos durante a enunciação. Assim, a dêixis ocorre como se apontássemos para algum ponto, para mostrar algo ao nosso interlocutor, e os locativos exercem com eficiência tal função. Observemos alguns fragmentos em que os locativos estão seguidos de um SN atuando como dêiticos, ou seja, realizando um apontamento para algo no espaço:

- (03) eu passei na roleta do ônibus... botei **o dinheiro aqui**... (Marcelo – 19 anos – Niterói – NEP oral)
- (04) tem a rede também... (fico) entre a rede e **essa cadeira aqui**... eh::... a cadeira é o melhor lugar pra estudar... (Érica – 24 anos – RJ – DL oral)
- (05) aí nesse dia/ que esse meu colega mora lá perto do Dom Orione... né? aí ele pegou a... **minha colega aqui**... colega dele... (Aleandro – JF – NR oral)
- (06) por exemplo... você se forma... aí você arruma **um empreginho aqui**... (Jorge Luís – 26 anos – RJ – RO oral)
- (07) tem **muitos livros aí** que eu gosto muito de ler... (Flávia – 19 anos – RJ – DL oral)
- (08) **aquilo ali** não é perfume não... **aquilo ali** são uns sucos assim... (Alex – 29 anos – Niterói – NR oral)

Do (03) ao (07), a estrutura SN + locativo encontra-se após o verbo. Esse fato ocasiona uma possível ambiguidade, já que o locativo poderia ser não só uma partícula ligada ao SN anterior, como apresentamos, mas um argumento ou adjunto do verbo, escapando este constituinte. Por exemplo, em (03) o informante poderia ter tido a intenção de falar “botei **o dinheiro aqui**...”, como fez, ou “botei aqui o dinheiro”. O fato de esse verbo estar compondo um *frame*² locativo, mesmo que ele sozinho não tenha a semântica de lugar, como em (06) – junto ao locativo tal verbo ajuda a realizar o “apontamento” para alguém ou algum lugar no espaço – leva-nos a acreditar que o locativo pode ser um argumento do verbo. Porém, na primeira frase, parece-nos que o objetivo é focar o lugar onde o dinheiro se encontra, e na segunda, em que o dêitico está imediatamente pós SV, o locativo está apontando apenas onde ele “botou”.

Em (08) e em (09) e (10) abaixo, o locativo pós SN encontra-se antes do verbo. Nessa posição não encontramos ambiguidade, pois a posição desse locativo após o verbo não tem produtividade ou seria muito pouco provável. Por exemplo, em (08) o informante disse: “**aquilo ali** não é perfume não... **aquilo ali** são uns sucos assim...”, porém essa frase com o locativo pós verbal é estranha aos usuários: “aquilo não é ali perfume não... aquilo são ali uns sucos assim...”

Podemos perceber, no exemplo (08), que o locativo *ali* por duas vezes ordena-se depois do pronome demonstrativo *aquilo*. Jungbluth (2001) afirma que o português brasileiro, em seu uso informal, reconstitui a tríade dêitica através da formação de sintagmas ao redor dos advérbios locativos. Assim o par dicotômico *esse x aquele* seria reconstruído na tríade: *esse aqui; esse aí; aquele lá*. Segundo a autora, trata-se de estratégias retóricas, enfáticas, comuns à língua falada, que atuam como modos compensadores da perda de informatividade ou imprecisão das formas *esse* e *aquela*. Observamos esse fato em mais dois exemplos, conforme mencionado acima:

- (09) “**esse aqui?** não... **esse aqui** eu não gostei muito...” (Mônica – 23 anos – RJ – RP oral)

² O termo “frame” é da linguística cognitiva e diz respeito ao enquadramento, à moldura de sentido composta pelo verbo e seus argumentos (suj. e complementos); essa moldura é fornecida pelas situações experienciais.

(10) até que... ultimamente ela está sendo... está tendo refor::ma... botou muro... aí **aquilo ali** não era muro... né? (Ana Maria – 12 anos – RJ – RO oral)

Segundo Dahl (2001), fazendo isso, os falantes “inflacionam” a fala, adotando maior quantidade de forma como garantia de entendimento de sentidos desgastados, devido à alta frequência de uso. Pode-se ainda relacionar este fato ao subprincípio icônico da quantidade (Givón, 2001), de acordo com o qual quanto maior, mais imprevisível ou mais relevante for a quantidade de informação, maior será a quantidade de forma utilizada na codificação dessa informação.

Em nossos dados dos usos dêiticos nas três cidades pesquisadas, a grande maioria é representativa da modalidade oral e há uma grande ocorrência do *aqui* dêitico, tendo os outros locativos quase nenhuma visibilidade. Tal fato ocorre já que a dêixis é um apontamento concreto de algo ou alguém que se encontra num determinado espaço e o *aqui* mais precisamente, permite uma ideia de pontualidade e precisão, daí a maior ocorrência do *aqui*. Sua maior frequência é nos relatos de opinião principalmente, e nas descrições de lugar, porque no relato de opinião, na maioria das vezes, o informante deve dar sua opinião sobre um lugar onde se situa, como por exemplo, sua escola, seu país e para tanto faz uso dos dêiticos. Já nas descrições de lugar, muitas vezes ele descreve o lugar onde se encontra no momento da entrevista.

Assim ordenado, imediatamente após o SN e escapando este constituinte, passa a ser licenciada a reanálise do locativo. Embora ainda não se possam classificar efetivamente tais usos como clítico, consideramos que contextos linguísticos como esse motivam ou ensejam a reanálise do locativo.

1.2. Padrão fórico

Posteriormente ao padrão dêitico no *cline* de derivação funcional dos pronomes adverbiais locativos temos os papéis fóricos. Assim, a partir do momento que os locativos enfraquecem sua função na indicação de lugar, passam a assumir sentidos menos concretos, já em plano textual, atuando como elementos de coesão do discurso, na articulação da relação fórica, como catáfora ou anáfora. Para a descrição desse uso, vamos apresentá-lo de acordo com os dois mecanismos referidos.

1.2.1. Advérbio catafórico

O advérbio catafórico introduz informação nova, ou seja, tem sua referência preenchida no contexto linguístico seguinte. Ao contrário do uso dêitico, o que há nesse caso é uma imprecisão referencial, como se o falante percebesse que o locativo por si só não fosse capaz de referir o lugar. O usuário, para se fazer entendido utiliza, portanto, um SPrep preenchedor dessa referência.

Nos fragmentos a seguir, ilustram-se os usos catafóricos mencionados:

(11) eu... mais... juntamente com... uma e... **uma equipezinha daqui** da escola mesmo... dos estudantes... se reúne... eh::... pega as fofocas... os recados que está... rolando aí com o pessoal da escola... (Margarete – 20 anos – Niterói – RP oral)

(12) eu não :: tive coragem de dançar que eu não sabia né? nem o meu primo e a minha prima não tiveram coragem de dançar né? porque:: ia ser chato a gente dançar e fazer **feio lá** na frente... (José Renato – JF – NEP oral)

(13) Como votar em Monarquia, República ou Parlamentarismo, e Presidencialismo quando a maioria da população não sabe nem o que cada um significa e às vezes nem sabe quem é o

próprio prefeito ou governador de sua cidade ou estado respectivamente, como aconteceu com **a faxineira lá** de casa. (Mônica – 23 anos – RJ – RO escrito)

(14) consertar a escola... direito... podia fazer **uma quadra aqui** atrás... (Wellington – 11 anos – RJ – RO oral)

(15) uma vez eu saí pra jogar bola com uns amigos meus... ali... **num campo ali** atrás... (Adilson – 18 anos – RJ – NEP oral)

(16) eu sentei **no ônibus alto lá** atrás... (Marcelo – 19 anos – Niterói – NEP oral)

(17) se você vier até **o Arnaldo Eugênio ali** no campo mundial... (Queli – 15 anos – RJ – NEP oral)

(18) Uma amiga minha chamada Luana, que vivia c/ os meus pais e **seu irmão lá** em Nova Iguaçu. (Jean – 18 anos – RJ – NR escrita)

(19) botou **um guardanapo aqui** na minha testa porque estava muito sangue... (Elizângela – 10 anos – Niterói – NEP oral)

Percebemos nos exemplos acima que o locativo é preenchido semanticamente pelo Sprep posterior, como por exemplo, em (11), o Sprep *da escola* completa o sentido do locativo *daqui*. Trata-se de um tipo de estratégia, conforme Paiva (2003), marcado pela superespecificação da referência espacial e motivado por certo “esvaimento” de sentido do pronome locativo, que necessitaria, para a completude de sua referência, do Sprep também de valor locativo.

Com os locativos na função de advérbio catafórico, percebemos que a possível ambiguidade ocasionada pelo posicionamento da estrutura SN + loc na frase não se restringe ao fato de se situar antes ou depois do verbo. O que percebemos é uma tendência a não-ambiguidade nas duas posições, com exceção de um único caso na posição pós-verbal.

Considerando que, na pesquisa funcional, qualquer troca de ordem dos constituintes é relevante e provoca algum tipo de efeito de sentido, tentamos, como fizemos também com o uso dêitico anterior, testar nos nossos dados, agora como advérbio catafórico, o deslocamento do locativo pós SN para junto do verbo para checarmos se haveria ambiguidade e chegamos a algumas conclusões:

Não haverá ambiguidade se a posição do locativo pós SN for:

a) anterior ao verbo, como vimos em (11);

b) posterior ao verbo, porém com:

- Verbos que não compõem *frame* locativo e o SN não é um lugar, como em (12) e (13);

Nestes casos, percebemos que o verbo, por não compor um *frame* locativo, ou seja, por não atrair para junto de si uma referência de lugar, logo não permite que haja a ambiguidade, mesmo porque o sentido da frase se modifica, e a posição do locativo é realmente após o SN, escapando este constituinte.

- Verbos que não compõem *frame* locativo e o SN é um lugar, como em (14) e (15);

- Verbos que compõem *frame* locativo e o SN é um lugar, como em (16) e (17).

Nestes dois casos acima – apesar de os verbos do primeiro não comporem *frame* locativo – o que percebemos é a união do SN anterior ao locativo com a referência de lugar posterior, pois o SN é um lugar que faz parte da referência de lugar imediatamente posterior ao locativo.

Somente haverá ambiguidade se:

a) a posição do SN + loc for posterior ao verbo, mas com:

- Verbos que compõem *frame* locativo e o SN não é um lugar, como em (18) e (19).

Neste caso, percebemos que o verbo compõe *frame* locativo, e por isso, pode atrair para junto dele o locativo que se encontra pós SN. E o SN não sendo um lugar, não há união do mesmo com a referência de lugar posterior, que seria o facilitador da inserção de um locativo entre eles, como vimos anteriormente. Assim, o locativo pode se localizar tanto depois do SN quanto do verbo.

Percebemos que todos os fragmentos acima exemplificam o que Paiva (2003) nomeia de *superespecificação* situacional. Segundo Oliveira (2007) não se trata de uma estratégia de acúmulo de informação espacial, pois os locativos em tais contextos, já estariam esvaídos de sua referência básica, papel cumprido mais efetivamente pelo termo nominal subsequente. Nesse sentido, os SPreps *da escola, na frente, de casa e no campo mundial*, por exemplo, pospostos ao locativo nos exemplos anteriores, é que cumprem, efetivamente, a referência de lugar, como especificadores do espaço articulado.

Em (16), (17), (18) e (19) observamos que a efetiva expressão de lugar está contida no constituinte verbal, como vimos anteriormente. Tal observação reforça a interpretação dos pronomes adverbiais locativos como *reforço situativo-comunicativo* (Batoréo, 2000), uma vez que assumem papel secundário na referência de lugar, que acaba sendo cumprida pelo constituinte verbal.

Em nossos dados, nas três cidades houve maior ocorrência do *lá* como advérbio catafórico na modalidade oral. Acreditamos que tal fato seja o início de uma possível reanálise como clítico, já que neste último uso, como veremos, a maior ocorrência também é com o locativo *lá*. Sua maior frequência divide-se nas três cidades entre as narrativas, com maior ocorrência, e os os relatos de opinião. Suspeitamos que ocorra dessa forma porque nas narrativas o informante conta uma história que aconteceu com ele ou com outrem e nessas histórias ele precisa não só usar os locativos para situar o lugar onde o fato ocorreu, mas também especificar que lugar é esse. Porém, o locativo sozinho parece não dar conta dessa necessidade, então logo depois a ele o falante usa outra referência de lugar. No relato de opinião, como já apontado, trata-se na maioria das vezes da opinião do informante sobre determinado lugar e a mesma necessidade das narrativas deve se apresentar, não com tanta recorrência quanto nas narrativas.

O fato de, nos exemplos tratados, o pronome locativo seguir um SN constitui contexto favorecedor da reanálise dessa partícula como clítico.

1.2.2. Advérbio anafórico

Em função textual anafórica, os locativos recuperam informações anteriores, conferindo ao contexto linguístico maior coesão. Muitas vezes, durante o levantamento dos dados, observamos que uma palavra com referência de lugar³ era apresentada no início da entrevista, e o entrevistado articulava posteriormente o locativo para retomar essa referência, tal como:

(20) **O Pico da Caledônia** é um lugar onde me sinto bem e gostaria de estar sempre. No entanto ele fica distante e não de fácil acesso. Ele fica na minha cidade origem, Nova Friburgo, a 2083m de altitude. Para chegar lá tem que se passar por uma estrada, depois subir um morro íngreme que leva mais ou menos uma hora e por último mais 600 degraus. Em compensação, **a chegada lá** é indescritível: lindíssimo, paisagem perfeita, maior astral são palavras pequenas para aquele lugar tão sublime. (Rafaela – 24 anos – RJ – DL escrito)

(21) Gostaria também que pintassem **a escola**, consertassem as carteiras e que o salário dos professores fosse aumentado para que eles trabalhassem com mais vontade. **Os professores daqui** são muito bons, muito dedicados, merecem um salário melhor. (Paula Fernanda – 15

³ Nos exemplos de anáfora, para maior facilitação e visualização do movimento retroativo ilustrado, negritamos os referentes nominais que são retomados posteriormente.

anos – RJ – RO escrito)

(22) aí tem... tem meu/ **minha estantezinha** lá... com o som... vídeo... televisão... onde fica () tem meus discos... onde eu coloco **as revistas lá** também... (Enéas – JF – DL oral)

(23) o/ quem me contou... foi o... Fábio Miguel... lá na **minha sala de aula**... ele::... noutro dia estava contando **a história ali**... que... tinha um dinheiro pra botar lá na/ no banco do pai dele... (Fábio Luiz – 13 anos – RJ – NR oral)

(24) eu não gosto assim... de ir a **um restaurante** e me esconder...então eles escolheram assim... **um cantinho lá**::... e eu estava querendo sentar já numa mesa... estava tudo bonito... com flores... com garfos... (Eliane – 35 anos – Niterói – NEP oral)

Na estruturas acima, como em (20), o locativo final *lá* refere-se anaforicamente ao SN *o Pico da Caledônia*, mencionado no trecho inicial do aluno. A distância entre os dois constituintes – o SN *o pico da Caledônia* e o pronome *lá*, aliado ao fato de este pronome escopar outro SN, *a chegada*, sucedendo-o, cria condições para que essa nova configuração, *a chegada lá*, seja reanalisada como uma unidade pré-fabricada - UFP (Erman e Warren, 2000), ou seja, um todo de sentido e de forma, uma construção mais fixa de tipo *lexical*, segundo os autores referidos.

Como advérbio anafórico, atestamos que a ambiguidade causada pela posição do locativo pós SN na frase é limitada ao fato de ser pré ou pós-verbal, não importando o tipo de verbo da cláusula em que se acha articulada. Em (20) e (21), percebemos que a posição do locativo pós SN é anterior ao verbo, não acarretando assim, uma possível ambiguidade no sentido da frase. Em (20), como vimos, a informante diz: “**a chegada lá** é indescritível”, uma leitura com o locativo pós verbal não é possível: “A chegada é lá indescritível”, o que também acontece com os outros exemplos encontrados nessa mesma posição. Portanto, o locativo nesses casos não poderia ser um argumento do verbo, e seu lugar é justamente após o SN.

Já nos exemplos posteriores, encontramos a posição do SN + locativo depois do verbo, e nesses casos haveria uma possível ambiguidade, podendo ser o locativo um argumento do verbo, como podemos observar em (23): “estava contando **a história ali**...”, em que a informante poderia ter dito “estava contando ali a história”. Em contextos como esse, a função argumental ou a adjuntiva dos pronomes locativos tende a se manifestar.

Em (20) percebemos que há um distanciamento maior entre o locativo *lá* em função anafórica após o SN “a chegada”, e o SN que ele recupera “O Pico da Caledônia”, citado no início da descrição de lugar. É uma distância estrutural de 67 palavras, o que não acontece nos outros exemplos, em que a distância não passa de 25 palavras.

Segundo o subprincípio da proximidade ou integração, os conceitos que estão mais integrados conceptual, funcional ou cognitivamente também se apresentam com maior integração morfossintática. Portanto, essa distância entre o referente e o advérbio anafórico que o recupera permite-nos desvinculá-los mentalmente, perdendo assim, a relação fórica existente e contribuindo para a reanálise do locativo em questão como clítico, em uma construção mais fixa.

Como advérbio anafórico, em nossos dados, o locativo que tem maior expressão é o *lá*. Para nós tal fato é evidente, pois entendemos que a anáfora é o uso mais propiciador à reanálise como clítico – neste o locativo mais usado como veremos é o *lá* –, já que é um apontamento não no espaço como o dêitico, mas no texto. E também, a distância entre o locativo e a referência a que ele retoma como anafórico, unido ao fato de esse advérbio escopar um SN antecedente são fatores que contribuem muito para tal reanálise. Ocorre principalmente em descrições de lugar. Acreditamos que isto se dê porque ao fazer descrições como essa, o informante inicialmente aponta o lugar que vai descrever e posteriormente ele vai o retomando fazendo uso do locativo. A grande maioria das ocorrências se dá na

modalidade oral.

1.3. Padrão clítico

Como estágio mais avançado de derivação semântico-sintática, configurando mudança linguística ou gramaticalização, temos os chamados usos *clíticos* do pronome locativo. Nessa função, os locativos encontram-se fortemente vinculados ao SN que os antecede, constituindo uma *construção* fixa, na qual o pronome locativo passa a escopar esse SN. Esses termos estão mais esvaziados de sentido espacial e se unem a outros termos, como formas dependentes, num construto unitário de sentido e forma. Segundo Paiva (2003, p. 133) *essa indissociabilidade é caracterizada pela ausência de pausa entre eles e pela não ruptura de adjacência através da inserção de um outro elemento.*

Vejamos, a seguir, alguns dados levantados do *corpus* D&G relativos a esse padrão:

- (25) **um surfista lá** ajudou a Patrícia a sair da água... (Regina – 23 anos – RJ – NR oral)
- (26) **uma mulher lá**... eh... que a filha dela... né? Pegou... uma catapora lá... na escola... né? (Juliana – 7 anos – RJ – N.R oral)
- (27) eu estava lá dentro... lá... lá... lá no quintal assim de casa e... aí fingindo que minhas filhas foram... foram no portão... mas só que meu portão de verdade... mas só... que aconteceu lá... **uma menina lá**... um/ ela estava correndo... ela subiu assim correndo... pra cima assim/ (Suellen – 8 anos – RJ – NR oral)
- (28) **noutro dia ali**... né? eu estava ali na rua... com a bicicleta da minha irmã... né? (Fábio Luiz – 13 anos – RJ – NEP oral)
- (29) eu acho ruim... tanto faz pra mim quanto pros outros alunos... né? que a gente depende mais do estudo... mas com **essa greve aí** não dá pra gente estudar muito... né? (Rosilda – 22 anos – RJ - RO oral)
- (30) a receita de panqueca é mais ou menos parecida... só não leva fermento e você vai **na frigideira ali**... aí você pode rechear também de mil maneiras... (Regina – 23 anos – RJ – RP oral)
- (31) às vezes/ eu tenho **uma colega ali**... que tem dia que ela está ótima... tem dia que ela está... um porre... está uma coisa horrorosa... (Ana Amélia – JF – RO oral)
- (32) eu sei... eu sei fazer um ((riso)) **uma comida aqui**... que... quando eu faço até que... (Fábio – 18 anos – RJ – RP oral)
- (33) “Mônica... ai desculpa... desculpa... eu achei que era a minha ex-mulher... assim... eu já ia te dar a maior bronca... que ela vive correndo atrás de mim atrás de dinheiro...” e tal ((risos)) “e eu... pra pagar **umas coisas aí**... cara... (Mônica – 23 anos – RJ – NEP oral)
- (34) é pra limpar cozinha... e comprar os livros... porque a diretora disse que ela teve que comprar eu acho que **uns cinco livros aí**... porque ninguém estava pagando caixa escolar... (Ana Caroline – 11 anos – RJ – RO oral)
- (35) aí me apresentaram um garoto chamado Rogério... aí rolou **o clima lá**... né? aí passou... / quer dizer... a minha parte com o Rogério... não com o Geovane e com a minha irmã...” (Mariana – 15 anos – Niterói – NEP oral)
- (36) ““oh... então gente... eu acho que... tem que levar... num centro... pra... ver... fazer qualquer coisa... porque se... está... atrapalhando mesmo... tem que fazer alguma coisa...”” aí elas foram **num centro lá**... e... fizeram **um negócio lá** que eu acho que era o tio dela... era uma pessoa... não sei quem é que estava... que morreu... que estava perseguindo ela... assim... né? aí... ela... fez... **uma... reza lá**... e... sumiu... mas ela ainda ficou assustada... (Angela – 12 anos – RJ – NR oral)

Nos fragmentos acima, como em (33) por exemplo, o informante comenta sobre um tipo

específico de coisas – *umas coisas aí*. Afastado do constituinte verbal e posposto ao SN *umas coisas*, o pronome *aí* passa a escopar tal SN, concorrendo para atribuir alguma especificação à construção. Por outro lado, a acentuada derivação semântico-sintática não cancela totalmente a referência locativa original de *aí*. Tal situação configura o caráter polissêmico do pronome, no âmbito da metáfora, e destaca o papel do contexto linguístico, em termos de metonímia, como motivador da derivação de sentido *espaço > texto* verificada.

O uso clítico configura gramaticalização, uma vez que os traços da classe adverbial esvaem-se em prol do ganho de marcas da forma dependente do SN. Do nível sintático migra-se para o nível morfológico, numa etapa mais avançada do ciclo funcional. A relativa mobilidade sintática diminui ou mesmo cessa, por conta da natureza mais rígida das relações morfológicas. Cumpre-se então, a trajetória *advérbio > clítico* ou ainda *sintaxe > morfologia*.

Nos casos apontados acima percebemos que os locativos em questão se encontram numa função clítica, pospostos ao SN, integrando-o, atuando na sua modificação, na formação de *unidades pré-fabricadas* (Erman e Warren, 2000) ou *construções*, de acordo com os trabalhos de Fillmore (1985), de Fillmore, Kay & O'Connor (1988), o de Kay & Fillmore (1999) e o de Goldberg (1995); pois, como exposto, não há possibilidade de pausa entre eles, inserção de um outro elemento, nem mesmo troca posicional entre os elementos da construção. Por exemplo em (34) “[...] eu acho que **uns cinco livros aí**...[...]” seria estranho aos usuários da língua se usassem: “eu acho que uns aí cinco livros” ou “eu acho que uns cinco aí livros”.

Percebemos do fragmento (25) ao (29), que a construção SN + loc se encontra anterior ao verbo, e do (30) ao (36) posterior. Em todos os casos, ou seja, nas duas posições, constatamos que ocorre a ambiguidade no sentido das frases. Por exemplo, em (25): “**um surfista lá** ajudou a Patrícia a sair da água.”, a falante poderia ter dito: “um surfista ajudou lá a Patrícia a sair da água” (locativo + SN antes do verbo). E em (35): “aí me apresentaram um garoto chamado Rogério... aí rolou **o clima lá**... né?”, a falante também poderia ter falado: “aí me apresentaram um garoto chamado Rogério... aí rolou lá o clima... né?” (locativo + SN depois do verbo). Em face disso, poderíamos duvidar se o locativo é um argumento do verbo ou se deve permanecer justamente onde se encontra: pós SN.

Porém, o que percebemos é que os advérbios acima não apresentam uma referência de lugar tão nítida como vimos nos usos anteriores – menos nítida um pouco nos advérbios catafóricos e anafóricos – mas uma semântica distinta, conforme veremos mais detalhadamente na próxima seção.

Parece-nos que por tal motivo, esses advérbios podem aparecer tanto pós SV quanto pós SN que o sentido é o mesmo, havendo então, ambiguidade, como vimos. Entretanto, se colocarmos o locativo na posição pós verbal e não pós SN, ele fica com um resquício maior de advérbio de lugar do que se estiver pós SN, em que já passa a ter também a ideia de distanciamento ou aproximação acima citada. Ou seja: locativos em posições diferentes – pós SN ou pós SV – frases com sentidos diferentes.

A posição pós SN não é percebida e registrada pelas gramáticas tradicionais e a pós SV sim. Porém esse novo uso, como clítico, é bastante reconhecido e utilizado pela comunidade linguística, como podemos perceber nos *corpora* pesquisados e apontados. Acreditamos que, ao aproximar o locativo do SN, o falante pretende atribuir outro valor semântico para o SN e não para verbo, caso contrário o faria. Assim, o uso clítico se tornou frequente na fala cotidiana, servindo aos propósitos comunicativos dos usuários da língua e atualmente se fixou, nos parecendo uma *construção*, ou seja, um todo de sentido e forma. Afirmamos isso, já que a possibilidade de inserção entre os elementos da construção transformaria a frase em uma enunciação sem sentido, e a troca posicional do locativo só seria possível entre uma posição pós SN ou pós verbal, o que também alteraria o sentido da frase, como vimos no parágrafo anterior. Qualquer troca posicional dentro da construção tornaria a enunciação sem

sentido para os falantes.

Merece menção a observação de que a possível ambiguidade ocorrida nos quatro usos mediante alguns critérios não deve ser encarada como um problema aos resultados da nossa pesquisa e sim, constitutiva dela, pois, após uma detalhada análise, percebemos que ao pronunciarem frases como “fico aqui entre a rede e essa cadeira.”, colocando o locativo pós SV (posição reconhecida pelas gramáticas), os falantes passaram a produzir “fico entre a rede e **essa cadeira aqui.**”, como vimos em (04), buscando focar o SN “cadeira” e não o verbo “fico”. A ambiguidade entre esses dois tipos de produção foi favorecedora do surgimento da nova produção, com o locativo pós SN em usos dêiticos, fóricos e clíticos. E é também a possível ambiguidade causada entre um uso primeiro e um subseqüente que faz esse último surgir, e este, por sua vez, poderá ter um uso ambíguo a um próximo uso e assim por diante. Podemos assim, dizer que dessa forma o uso clítico se fixou.

Esta afirmação encontra respaldo na proposta de Hopper (1991), de que a gramaticalização de um elemento linguístico envolve a existência de diferentes camadas que podem coexistir num mesmo momento e que, por serem derivadas umas das outras, mantêm traços que persistem das camadas primeiras.

Nas três cidades o locativo com maior recorrência como clítico é o *lá*. Ocorre principalmente em narrativas recontadas, o que era de se esperar, visto que, quando narramos uma história vivida por outra pessoa, muitas vezes não sabemos todos os detalhes ou se sabemos, não temos muito interesse em relação a eles, já que não se trata de uma história nossa. Dessa forma, vamos contando do nosso jeito ou até mesmo, de qualquer jeito. Assim sendo, a narrativa recontada permite que se faça uso dos clíticos, principalmente do locativo *lá*, pois tanto o tipo de texto quanto esse locativo carregam um sentido de indefinição, imprecisão, impontualidade.

É importante destacar que no uso clítico não há nenhuma ocorrência na modalidade escrita desse *corpus*, apenas na falada. Tal fato nos mostra que estamos realmente diante de um uso novo na língua, em gramaticalização. Usos como esse ainda não foram convencionalizados e por isso, nem mencionados em gramáticas da língua, se é que tem a pretensão de ser ainda um dia.

Cabe ressaltar que essa pesquisa não se encontra finalizada e o presente artigo é o resultado de pesquisa de mestrado. Para a tese de doutorado, outros *corpora* escritos serão analisados, bem como uma pesquisa histórica será realizada a fim de atestar nossa hipótese sincrônica de gramaticalização.

2. GRAMATICALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO

De acordo com Braga e Paiva (2003), consideramos que a trajetória *advérbio > clítico* é motivada originalmente pelo uso dêitico dos pronomes adverbiais locativos. Por outro lado, como ilustramos neste artigo, não é possível desconsiderar a influência dos movimentos fóricos – catáfora e, mais acentuadamente, anáfora – nessa derivação semântico-funcional.

Segundo nosso ponto de vista, a interpretação dos dados nos conduzem à relevância dos parâmetros estruturais, ou metonímicos, para a fixação da função clítica. Ao se colocar o locativo após o SN, num tipo de arranjo sintático fora do uso prototípico adverbial, de tendência pós-verbal, estabelecem-se condições que permitem a reanálise desse constituinte como forma dependente e mesmo integrante do SN, compondo com este um todo de sentido e forma. Segundo Braga e Paiva (2003), tal mudança linguística altera a localização das fronteiras dos constituintes e a sua referência. Nesse contexto, os locativos passam a compor um SN, codificando informação recuperável, numa trajetória como a apontada por nós a seguir:

- (i) eh... uma coisa triste... mas que quando eu tinha três anos... eu caí... aí tá até **a cicatriz aqui...** – advérbio dêitico / noção de lugar
- (ii) se você vier até **o Arnaldo Eugênio ali** no campo mundial... – advérbio catafórico / noção de lugar na referência ao lado
- (iii) aí eu cheguei em casa... a... aí eu passei assim pela janela... estava **todo mundo lá** chorando e a casa cheia... – advérbio anafórico / elemento coesivo porém retomando a ideia de lugar anterior
- (iv) **uma mulher lá**... eh... que a filha dela... né? pegou... uma catapora lá... na escola... né? – clítico / esvaído da ideia de lugar - *construção* fixa na língua – *construção* prototípica

Percebemos que há um contínuo ou uma cadeia de conceitos minimamente diferenciados. Por exemplo, em (i), como dêitico, a noção de lugar é claramente percebida; em (ii), como advérbio, já se acentua a função textual catafórica do locativo, porém ainda há alguma ideia de lugar conferida pelo SPrep posposto, ao qual o locativo se une; em (iii), como advérbio anafórico, o papel textual prevalece; em (iv), como clítico, a noção espacial encontra-se mais abstratizada, o locativo junto ao SN formam uma *construção*, nos termos de Goldberg (1995).

Com a análise dos dados, podemos perceber que na construção SN + loc em estudo há uma possível escala de prototipicidade, ou seja, certos tipos de construção são mais facilmente visualizados e compreendidos como tal; quando estamos diante deles, vemos mais claramente a função clítica e menos a função locativa. Há algumas construções menos prototípicas do que as primeiras, porém, mais do que as terceiras e assim por diante.

Olhando para os locativos, vemos que o mais prototípico é o *lá*, pois é ele que juntamente ao SN vai atribuir uma semântica maior de indefinição, descomprometimento com o assunto tratado do que uma ideia de lugar, própria dos locativos originais. .

Sendo assim, entendemos que, se o *lá* é o locativo que dentro da referida construção mais se distancia da função dêitica locativa, e ele possui essa semântica de indefinição, imprecisão, partimos de constituições de SNs que junto a ele colaboram com essa ideia. Dessa forma, encontramos o mais prototípico.

Quanto aos SNs, o determinante mais prototípico é o artigo indefinido. Acreditamos que tal fato ocorra pois esse artigo colabora com a ideia de indefinição que a construção com o clítico *lá* possui. E, ao unirmos esse artigo, um determinado e o locativo *lá*, o mais prototípico, conseguimos um excelente exemplo de construção, com um sentido bem distante da ideia de lugar.

Cabe lembrar que a frequência de uso é um dos fatores que contribuem para a fixação da construção, e ao fazer o levantamento quantitativo, detectamos que realmente dentro dos usos clíticos encontrados nos nossos dados, as construções formadas por artigo indefinido + substantivo + *lá* são as mais frequentes. Tal fato, de uma certa forma, confirma a nossa ideia de que seja ela a mais prototípica.

Podemos perceber ainda, a partir dos quatro padrões ilustrados nesta seção, a atuação dos subprincípios icônicos de proximidade e de ordenação linear. Consideramos que, se os falantes colocam os locativos próximos aos SNs, é porque mentalmente esses pronomes se encontram próximos, já que o grau de liberdade relativa na sintaxe é indício do grau de integração entre os componentes cognitivos desses constituintes sintáticos. De outra parte, em termos de ordenação linear, a colocação pós SN faz que os locativos passem a escopar este constituinte nominal, numa função distante e distinta da prototípica adverbial.

Na interpretação semântica desse locativo situado pós SN, adotamos o parâmetro da *granulidade* (Batóreo, 2000), que nos permite dar conta de um interessante aspecto da referência dos locativos, uma vez que distingue dois grandes subsistemas de regiões-de-vizinhança dos conjuntos: vasta e fina/estreita. Assim, no português contemporâneo brasileiro,

da granularidade vasta é utilizado com maior regularidade o pronome *lá*, que possui a marca da imprecisão e da indefinição situacional. Portanto, a polissemia desse locativo em expressões como “o cara *lá*” pode ser compreendida por conta de sua vasta granularidade. De outro lado, *aqui*, *ali* e *aí* participam do subsistema de granularidade fina ou estreita, pois com esses locativos a referência de lugar ocorre com maior pontualidade e precisão.

De fato, em termos de frequência, parece-nos que o sistema de granularidade motiva a distribuição dos locativos trabalhados pelos dois conjuntos referidos. Tanto no Rio de Janeiro, com 310 dados, quanto em Niterói, com 109 registros, e em Juiz de Fora, com 120 registros no total, o locativo *lá* é o mais frequente após SN, com 167 usos no Rio de Janeiro, 47 usos em Niterói, e 63 usos em Juiz de Fora; em segundo lugar vem *aqui*, com 74 registros no Rio, 29 em Niterói e 33 em Juiz de Fora. Com menor incidência, encontram-se os locativos *ali*, com 30 registros no Rio, 26 em Niterói, e 12 em Juiz de Fora; e *aí*, com 39 dados no Rio, 7 em Niterói e 12 em Juiz de Fora. Esses números nos informam que a comunidade estudantil usa preferencialmente o eixo *lá x aqui* para, após SN, articular a referência locativa vasta ou fina/estreita, respectivamente.

Podemos ainda interpretar a tendência de uso desses pronomes como resultante de estratégias de subjetificação, no âmbito da *invited reference* (Traugott e Dasher, 2005). Em outras palavras, seus usos são desencadeados por sentidos produzidos a partir de combinações semânticas no contexto discursivo. Pela subjetificação, os locutores marcam suas produções linguísticas com termos de sentido mais comunicativo ou textual; nessa marcação, atuam crenças, atitudes, mecanismos de persuasão, de evidencialidade, de modalização, entre outros. Nesse sentido, entendemos que a função clítica assumida por *lá*, *aqui*, *ali* e *aí* tem a ver também com esse tipo de efeito primariamente retórico, que, uma vez assumido pela comunidade linguística, regulariza-se nas produções em geral, passando a constituir novo padrão gramatical.

Assim, ao articular o pronome *lá* pós SN, o usuário aponta, além de um distanciamento em relação ao que está sendo falado por ele, também seu desinteresse ou pouca importância acerca do referente mencionado, que, via de regra, é antecedido por artigo indefinido e se trata de constituinte com menor relevância discursiva. Retomemos este exemplo:

(36) ‘oh... então gente... eu acho que... tem que levar... num centro... pra... ver... fazer qualquer coisa... porque se... está... atrapalhando mesmo... tem que fazer alguma coisa...’ ” *aí* elas foram **num centro lá**... e... fizeram **um negócio lá** que eu acho que era o tio dela... era uma pessoa... não sei quem é que estava... que morreu... que estava perseguindo ela... assim... né? *aí*... ela... fez... uma... **reza lá**... e... sumiu... mas ela ainda ficou assustada...

Em (36), a aluna Angela relata um episódio; ela está concentrada efetivamente na linha narrativa, nos acontecimentos, assim, menciona de modo vago certos referentes que não conhece e que, por outro lado, não necessitam de maior recorte ou precisão – *um centro lá*, *um negócio lá* e *uma reza lá*. Trata-se de sintagmas que atuam na marcação da pouca adesão ou comprometimento com essas informações, que são na verdade periféricas em relação ao evento maior narrado. Ela menciona *um centro qualquer*, *um negócio qualquer*, *uma reza qualquer*.

Por outro lado, o uso de *aqui* concorre, contrastivamente, para a proximidade do SN referido, como se o usuário tivesse mais adesão ao comentário que desenvolve. Vejamos:

(32) eu sei... eu sei fazer um ((riso)) **uma comida aqui**... que... quando eu faço até que...

Já em (32) o aluno Fábio começa seu relato acerca de uma comida que sabe fazer. Na primeira articulação dessa referência, usa *uma comida aqui*. Nesse contexto, o locativo não somente concorre para a especificação, mas também se torna estratégia de subjetificação pela

proximidade, de relevância do espaço da primeira pessoa propiciado pelo *aqui*; assim, *uma comida aqui* não é qualquer ou irrelevante comida, mas sim aquela que o informante sabe fazer, que agrada aos demais, aquela pela qual o usuário se faz, inclusive, conhecer.

Além dessa denotação, podemos perceber que tanto o *aqui* quanto o *ali* dentro dessa construção SN + loc, colaboram para a ativação das nossas ideias, para o imaginário, como se estivéssemos lidando com um espaço virtual. Vejamos novamente este outro exemplo:

(30) aí dá pra fazer... a receita de panqueca é mais ou menos parecida... só não leva fermento e você vai na **frigideira ali**... aí você pode rechear também de mil maneiras...

Neste exemplo, vemos que a frigideira referida não se encontra no mesmo espaço do falante e do ouvinte, porém é tratada como se estivesse um pouco distante, mas no mesmo ambiente. Parece-nos que ao usar essa construção, o falante convida o ouvinte a penetrar na sua imaginação e entender a cena, de acordo com a conceituação de Fillmore (1975).

Quanto ao clítico *aí* na construção, através dos nossos dados, podemos percebê-lo com uma ideia de indefinição, usado quando a relevância do SN ao qual se liga é menosprezada, sendo preferível não perder muito tempo falando sobre ele. Vejamos:

(37) até **essas menininha aí** que... que... que não gosta de falar com... com menino...

Do ponto de vista semântico-sintático, portanto, no uso gramaticalizado como clítico, os locativos passam a integrar o SN, atuando na modificação do nome, constituindo uma *construção* fixa e cristalizada na língua, como vimos. Segundo Martelotta (1994), esse uso gramaticalizado é caracterizado por uma perda da noção dêitica de espaço em relação ao falante. Com isso, ocorre a *metáfora*, envolvendo abstratização do sentido dos locativos, em que significados de domínios lexicais ou menos gramaticais, como os usos dêiticos, catafóricos e anafóricos, são estendidos metaforicamente e usados em domínios gramaticais ou mais gramaticais, como clíticos, passando a expressar valores semânticos diversos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado procurou mostrar os usos dêiticos, catafóricos, anafóricos e clíticos dos pronomes adverbiais locativos *aí*, *lá*, *aqui* e *ali* e seus derivados *daí*, *daqui* e *dali* pós SN, propondo que o clítico seria um estágio já avançado de gramaticalização, por não possuir mais tão claramente a noção espacial, característica desse grupo. Acreditamos que o locativo como clítico estaria compondo junto ao SN anterior uma *construção* SN + loc fixa na língua. Para tanto, valemo-nos dos dados do *Corpus D&G* das cidades do Rio de Janeiro, Niterói e Juiz de Fora, composto por cinco tipos de textos distintos nas modalidades oral e escrita.

Na primeira seção, apresentamos nossa hipótese da trajetória de gramaticalização a que passam os locativos referidos pós SN, que vai da *dêixis*, passa pela *foricidade* e chega ao último estágio, o da *cliticização*, a partir de exemplos retirados dos dados levantados no *corpus* D&G; e também analisamos a estrutura SN + loc, com base nos três padrões identificados para os pronomes em análise – dêitico, fórico e clítico, levando em consideração parâmetros de frequência dos locativos em relação a essas funções e aos tipos de texto e modalidade. E na segunda seção, propomos que a função clítica configura-se como a mais gramaticalizada, uma vez que se trata efetivamente de migração para outra categoria mais gramatical, distinta do uso prototípico adverbial, exercendo, portanto, outras funções semântico-sintáticas nos enunciados em que aparecem.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M.T. Niterói: UFF. *Padrões Funcionais no uso de Pronomes Locativos: Uma abordagem construcional*. Dissertação de mestrado em Língua Portuguesa, 2010
- BATORÉO, H. 2000. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- BRAGA, M.L. e PAIVA, M.C. 2003. *Do advérbio ao clítico é isso aí*. IN: RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (org). *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, (p. 206-212).
- DAHL, O. Inflationary effects in language and elsewhere. 2001. IN: BYBEE, J. e HOPPER, P. (org.) *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjaming Company: 471-480.
- ERMAN, B. e WARREN, B. 2000. The idiom principle and the open choice principle. IN: *Linguistic – an interdisciplinary journal of the language sciences*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, no. 2, p. 29-62.
- FILLMORE, Charles J. *An alternative to Checklist Theories of Meaning*. BLS 1, p. 123-131, 1975.
- FILLMORE, C. *Syntactic Intrusions and the Notion of Grammatical Constructions*. Berkley Linguistic Society, n.11, p. 73-86, 1985.
- FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, C. *Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: the Case of “Let Alone”*. *Language*, n. 64, p. 501-538, 1988.
- FURTADO DA CUNHA, M.A.; COSTA, M.A.; CEZARIO, M.M. 2003. *Pressupostos teóricos fundamentais*. IN: *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, (p. 29-55)
- GIVÓN, T.. 2001. *Syntax: an introduction*. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: a Construction Grammar Approach to Argument Structure*. London: The University of Chicago Press, 1995.
- HASPELMATH, M. 2004. On directionality in language change with particular reference to gramaticalization. IN: FISCHER, O., NORDE, M. e PERRIDON, H. (org). *Up and down the cline – the nature of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins. (17 – 44)
- HEINE, B. e KUTEVA, T.. 2005. *Language contact an grammatical change*. Cambridge: Cambridge University Press
- HOPPER, P. *On Some Principles of Grammaticalization*. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (orgs.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, p. 17-36, 1991.
- JUNGBLUTH, K. 2001. Binary and ternary deictis systems in speech and writing. IN: *Philologie am Netz* 15: 1-24.
- KAY, P.; FILLMORE, C.J. *Grammatical Constructions and Linguistics Generalizations: the What's X Doing Y? Construction*. *Language*, v. 75, n. 1, p. 1-33, 1999.
- MARTELOTTA, M. E. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- OLIVEIRA, M. R. 2007. *Ordenação de advérbios locativos no português escrito: uma abordagem histórica – Relatório final de pesquisa - CNPq*.
- PAIVA, M.C. 2003. *Proformas adverbiais e encadeamento dêitico*. IN: RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (org). *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, (p. 132-143)
- TAVARES, M. A. *Metáfora e metonímia em processos de gramaticalização: o caso do “aí” marcador de especificidade*. In: *Revista Gragoatá*, vol. 26, Niterói : EdUFF, p. 103-120, 2009.
- TRAUGOTT, E. C. *Constructions in Grammaticalization*. In Joseph, B.; JANDA, R. D. (orgs.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackweel, 2003.
- _____ *The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of*

grammaticalization. In DABROWSKA, E. (org.) *Cognitive Linguistics*. V. 18-4. New York: Mouton de Gruyter, 2007.

TRAUGOTT, E. C. & DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.